

Análise da afetividade em propagandas verbo-visuais por meio da semiótica tensiva

Analysis of affectivity in verbal-visual advertisements through tensive semiotics

Marcelo Eduardo da Silva¹
Sueli Maria Ramos da Silva²

RESUMO

Neste artigo são analisadas propagandas veiculadas no YouTube® pelos governos dos estados de Mato Grosso do Sul ("Coronavírus: a balada pode esperar") e da Bahia ("Não deixe que o Coronavírus tire alguém da sua família"), em 2021, durante a pandemia. Acionam-se a Semiótica Tensiva e alguns conceitos por ela incorporados da Análise do Discurso, como o de *ethos*. O objetivo geral é contribuir para com as interpretações que incluam o afeto nas análises semióticas. Em específico, pretende-se apontar como retoricamente a emoção é evocada pelo poder público para conquistar a adesão da população aos preceitos médico-sanitários de prevenção à Covid-19 e indicar que a aspectualização do ator semiótico serviu como estratégia argumentativa por parte dos enunciadores observados. Partindo da hipótese de que os apontamentos possam colaborar na compreensão sobre a pandemia, esta empreitada justifica-se também pela contribuição à retomada da retórica às análises discursivas e à sua (re)inserção nos estudos semióticos discursivos.

Palavras-chave: Afeto. Covid-19. Retórica.

ABSTRACT

This article analyzes advertisements broadcast on YouTube® by the governments of the states of Mato Grosso do Sul ("Coronavirus: a balada pode esperar") and Bahia ("Não deixe que o Coronavírus tire alguém da sua família"), in 2021, during the pandemic. Tense Semiotics and some concepts incorporated by it from Discourse Analysis are activated, such as *ethos*. The general objective is to contribute to interpretations that include affect in semiotic analyses. Specifically, it is intended to point out how emotion is evoked rhetorically by the public authorities to gain the population's adherence to the medical-sanitary precepts of Covid-19 prevention and to indicate that the aspectualization of the semiotic actor served as an argumentative strategy on the part of the observed enunciators. Based on the hypothesis that the notes can collaborate in understanding the pandemic, this endeavor is also justified by the contribution to the resumption of rhetoric in discursive analyzes and its (re)insertion in discursive semiotic studies.

Keywords: Affectivity. Covid-19. Rhetoric.

¹ Servidor público do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS), Campus Campo Grande. Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Campo Grande/MS, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4974-839X>. E-mail: marcelo.eduardo@ufms.br.

² Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus Campo Grande. Doutora em Semiótica e Linguística Geral pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). Campo Grande/MS, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2631-066X>. E-mail: sueli.silva@ufms.br.

1 INTRODUÇÃO

Decretada em março de 2020, a pandemia por Covid-19 provoca desde então mudanças significativas em toda a humanidade. Visando a diminuir os casos de infecção, internações e mortes decorrentes do contágio pelo novo coronavírus, a Organização Mundial da Saúde (OMS) indicou diversos comportamentos que deveriam ser seguidos por todas as populações, causando embate entre divergentes perspectivas, opondo aqueles que aceitavam as prescrições e os que as rejeitavam. É a polêmica quem gere, por meio dos diversos discursos, essa dissensão (AMOSSY, 2017). Em outras palavras, ela é “[...] a manifestação discursiva sob forma de embate, de afrontamento brutal, de opiniões contraditórias que circula no espaço público [...] ela surge como *um modo particular de gestão do conflito*” (AMOSSY, 2017, p. 53, grifos da autora).

Diante de diversas manifestações contrárias ou favoráveis às medidas sanitárias indicadas, cada lado envolvido precisou utilizar estratégias argumentativas visando à adesão a seu ponto de vista pelo maior número de pessoas. Se nos lembrarmos dos ensinamentos de Aristóteles, podemos afirmar que essa divergência de posicionamentos é um embate retórico, pois diz o filósofo que a retórica é “a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir” (ARISTÓTELES, 2006, p. 95).

São três “espécies” de persuasão, segundo Aristóteles: “[...] umas residem no caráter moral do orador; outras, no modo como se dispõe o ouvinte; e outras, no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar” (ARISTÓTELES, 2006, p. 96). A primeira é por ele nomeada de *ethos*, a segunda é chamada *pathos*, e a última, *logos*. Esses são conceitos trabalhados semioticamente por Discini (2015). Ao apresentar a tese de que a aspectualização do ator³ da enunciação constitui o estilo, a autora afirma que esse sujeito recebe corpo, ganha uma “presença encarnada” (DISCINI, 2015, p. 47)⁴. Como é um corpo discursivo, haveria, portanto, uma *quase-presença* (DISCINI, 2015), em que o ator poderia aparecer ora com menor densidade ora com maior densidade.

Como impactou todo o mundo, a pandemia pelo novo coronavírus foi motivo de estudos nos mais diversificados campos do conhecimento, os pesquisadores da Linguagem também pensaram sobre ela. Entretanto, embora trabalhos importantes sobre o assunto venham sendo publicados, cremos que as pesquisas que especificam a polêmica durante o momento pandêmico e que aportam nos conceitos da Semiótica Tensiva ou dos estudos sobre retórica, ainda surgem em menor quantidade. Podemos citar algumas obras que trataram sobre o tema: o livro *Discursos da pandemia: entre dores e incertezas* (BAALBAKI; SILVA, 2020), editado pela Pontes – balizado pela *Análise do Discurso de Linha Francesa (AD)* –; a *Revista Linguagem* (Universidade Federal de São Carlos, SP – UFSCar, 2020), volumes 35 e 41 (UFSCar, 2022), respectivamente, com dossiê e seção dedicados ao assunto; o número 4 do volume 9 da *Revista Macabéa* (Universidade Regional do Cariri, CE – Urca, 2020); a série de *lives* *Discurso em tempos de pandemia*,

³ Discini (2015, p. 64) comenta que ator é usado em substituição ao termo “personagem”. Desse modo, não pode ser confundido com a pessoa física que representa o papel na dramatização. É, nesse caso, um personagem (humano ou antropomorfizado) capaz de manifestar valores na narrativa. É importante lembrarmos de que, semioticamente, *sujeito* é elemento da narrativa e *ator*, da discursividade. Como as personagens das propagandas em vídeo a serem analisadas são convocadas a agirem diante de possibilidades de juízos de valor (aceitar ou não o distanciamento social, por exemplo), trabalharemos quanto a elas a partir da proposta semiótica de Discini (2005), ou seja, como atores.

⁴ Não se trata de um corpo físico, de carne e ossos reais, mas de um ser discursivo. Portanto, uma “presença encarnada” que contém uma “carne figurada” (DISCINI, 2015, p. 47).

veiculada de maio a julho de 2020, pelo Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais da UFSCar.

Merecem destaques também na área do discurso os artigos “A análise do discurso diante da crise do coronavírus: algumas reflexões”, de Dominique Maingueneau (2021), e “Pandemia, ética e discursos” (BRAIT; PISTORI; LOPES-DUGNANI; STELLA; ROSA, 2021) e os demais artigos publicados na Bakhtiniana volume 16, número 4, de 2021, um dossiê sobre a pandemia, com editorial de responsabilidade de Beth Brait, Maria Helena Cruz Pistori, Bruna Lopes-Dugnani, Paulo Rogério Stella e Carlos Gontijo Rosa. Na área de semiótica mais diretamente, podemos citar ainda a revista *Acta Semiotica* com dossiê “A pandemia: acaso ou significado?”, de janeiro de 2021.

A “*Diálogo das Letras*” também publicou artigos que tinham como pano de fundo ou foco principal a pandemia. Em “Contextos discursivos e pandemia: a construção de objetos de discurso na narrativa bolsonarista”, Denise Teixeira Marques (2021), inspirada na Linguística Textual, propõe interpretações sobre falas do então presidente Jair Bolsonaro sobre a pandemia para que ele fosse considerado ou não negacionista. Também levando em conta dizeres do ex-chefe do Executivo, em “A (des)informação como estratégia política na gestão da pandemia da COVID-19 no Brasil: uma análise discursiva”, Orlando Silva de Oliveira e Kélvya Freitas Abreu (2022), fundamentados na teoria do Círculo de Bakhtin, objetivam compreender quais interesses estavam em disputa nos enunciados proferidos por aquele político. Como a internet passou a ser um ponto de encontro (virtual, obviamente) devido ao distanciamento, esse ambiente foi foco de estudos sobre a linguagem, com isso em vista, em “Enunciação em memes sobre a pandemia: análise discursiva de sentidos na web”, Bruno Deusdará, Poliana Coeli Costa Arantes e Thatiana Muylaert (2021), por meio da Análise do Discurso, desenvolvem um debate em torno de noções como interdiscurso, pressupostos e subentendidos, tendo como *corpus* memes veiculados na grande rede. Propondo uma releitura, diante dos tempos de pandemia pelo novo coronavírus, de um poema originalmente escrito em 1930, Fabio Scorsolini-Comin (2022) escreve “Uma leitura de O sobrevivente, de Carlos Drummond de Andrade, em tempos de pandemia”. No referido texto, o autor compara a indicação de Drummond de que o ser humano possui um caráter predatório com o reavivamento dessa percepção em tempos pandêmicos pela Covid-19.

As publicações em torno do tema pandemia e linguagem são extensas, porém, estudos que proponham uma relação entre AD e Semiótica Tensiva, bem como análises semiótico-discursivas mais densas e restritas com foco sobre a argumentação/retórica, parecem ser mais escassos. Consideramos que o presente trabalho pode somar-se aos esforços na compreensão sobre a polêmica no período pandêmico e ao empenho em contribuir para a retomada da retórica – sobretudo a que emerge em objetos multimodais que combinam verbal e não-verbal, como os vídeos veiculados pelos governos de Mato Grosso do Sul e da Bahia no *YouTube*® – e do sensível às análises discursivas e à inserção desses conceitos nos estudos semióticos.

Na sequência, o artigo divide-se em quatro seções. A primeira, “Conceitos mobilizados”, indica as bases teóricas. Mobilizamos conceitos da Semiótica Tensiva, como *quase-presença* (DISCINI, 2015) e “afeto” (ZILBERBERG, 2011). A seção 2, “Enunciados a serem analisados”, detalha o *corpus*, as propagandas dos governos sul-mato-grossense e baiano veiculadas para persuadir a população para que não causassem aglomerações. A seção 3, “Análises”, traz as interpretações propostas a partir dos conceitos mobilizados e a seção de “Considerações Finais” apresenta um breve resumo do exposto e conclui que

a emoção é evocada pelo poder público para conquistar a adesão aos preceitos médicos e sanitários.

2 CONCEITOS MOBILIZADOS

Com relação aos conceitos a serem mobilizados nas análises subsequentes, começamos tratando sobre a *quase presença*. É uma noção definida por Discini (2015) com inspiração nos estudos de Algirdas Julius Greimas e Joseph Courtés (2021) e Jacques Fontanille (2019). Os primeiros autores definem presença como “uma determinação atribuída a uma grandeza, que a transforma em objeto de saber do sujeito cognitivo” (GREIMAS; COURTÉS, 2021, p. 382). O terceiro diz que “antes de qualquer categorização, uma determinada grandeza é, para o sujeito do discurso, primeiramente uma *presença sensível*” (FONTANILLE, 2019, p. 75, grifos do autor). Já Discini (2015) nos faz entender que *quase-presença* seria um tipo de presença simulada, restituível em discurso perante marcas no enunciado colocadas por um corpo discursivo: por isso, essa *quase-presença* é elemento semiótico que causa efeito(s) de sentido por meio da presentificação discursiva de um actante ausente.

Outra noção a ser focada em nossas análises é a que se relaciona à aspectualização do ator discursivo. Inspirada pela Semiótica Tensiva de Claude Zilberberg, Discini remete às dimensões inteligível e sensível propostas por ele. O ator teria, então, dois perfis: um social (vínculo com *ethos*), “relativo à participação ativa e ética do sujeito-no-mundo”; outro pático (vínculo com *pathos*), “relativo aos desdobramentos do sentir” (DISCINI, 2015, p. 16).

A partir desses conceitos, nos debruçamos nas análises, pois o *pathos* indica quando os espectadores (enunciatários) são levados à emoção por meio do discurso do orador (enunciador)⁵; e entender como esse sentimento é evocado pelo poder público para conquistar a aceitação da população aos preceitos médico-sanitários de prevenção à Covid-19 é um dos objetivos específicos do presente trabalho.

Com intuito de contribuir para com as interpretações semióticas discursivas que incluam o afeto nas análises dessa teoria, voltamos-nos a indicações da vertente tensiva da semiótica, teoria que trabalha com a noção de sensível. Longe de renegar os preceitos de Greimas e Courtés, outro autor, Claude Zilberberg (2011), indica algumas lacunas no cenário original da Semiótica: “A semiótica greimasiana apostou no quadrado semiótico e sobretudo na implicação [não $S_1 \rightarrow S_2$], considerada irresistível. Mas, na realidade, o que o quadrado semiótico deixava escapar era o acaso, o fortuito, a irrupção do inesperado, do acontecimento etc.” (ZILBERBERG, 2011, p. 96).

Zilberberg (2011) propõe uma gradação de valores que perpassa por no mínimo quatro grandezas, em que os extremos são os sobrecontrários e os termos médios os subcontrários. Dessa maneira, o autor constitui uma rede – instrumento metodológico que servirá às análises que faremos mais adiante –, que consiste em identificar em uma categoria, subcategorias que possam ser entrecruzadas ou sobrepostas, formando uma gradação. Para exemplificar, o autor constitui uma gradatividade em termos de

⁵ Na obra “Retórica”, Aristóteles (2006) apresenta as noções de espectador (público, auditório) e de orador. Em Semiótica, todavia, os termos trabalhados são, de forma correspondente, enunciatário e enunciador, devido à sua consideração quanto à teoria enunciativa inspirada em Émile Benveniste (2020; 2023). Sendo enunciador e enunciatário, respectivamente, o destinador e o destinatário implícitos no ato de enunciar. Observa-se que, assim sendo, enunciador difere de narrador (que é um actante construído por meio de procedimentos de debreagens) e enunciatário difere de narratário (o leitor, por exemplo, numa construção textual hipotética do tipo “ao ler estas letras, o leitor perceberá que...”).

tamanhos genéricos, em que haveria não só as percepções de algo “pequeno” ou “grande”, mas outros valores como mostrado no quadro a seguir.

Quadro 1: Exemplo de grandezas espaciais, conforme proposto por Zilberberg (2011)

minúsculo ↓ S ₁ sobrecontrário	pequeno ↓ S ₂ subcontrário	grande ↓ S ₃ subcontrário	colossal ↓ S ₄ sobrecontrário
--	--	---	---

Fonte: Baseado em Zilberberg (2011, p. 200).

A partir do exposto, volvemos à citação anterior (ZILBERBERG, 2011, p. 96), para dizer que é justamente sobre a “irrupção do inesperado” que a Semiótica Tensiva foca seus esforços, mediante a inclusão do “afeto”: “[...] quanto ao valor, o afeto, [uma vez que] essas grandezas se auxiliam reciprocamente, poupando-nos de pensar valores sem afeto e afetos sem valores” (ZILBERBERG, 2011, p. 11). Essa inclusão do “afeto” defendida pelo autor, e inspirada na Fenomenologia, concretiza-se na formulação de análises cujas indicações configuram-se na intersecção de duas dimensões que perpassam por todo o percurso gerativo de sentido: dimensão de intensidade (do estado da alma) – estado sensível, do afeto; e de extensidade (do estado de coisas) – do inteligível (ZILBERBERG, 2011).

Essas dimensões causam efeitos de sentido no enunciatário, e alguns desses efeitos podem ser de adesão ou de refutação de determinado argumento. Por isso, a Semiótica Tensiva recupera a retórica às análises. Em meio à polêmica durante a pandemia, podemos dizer que tanto a razão quanto a emoção foram evocadas pelos enunciadores (os governos dos estados de Mato Grosso do Sul e da Bahia) dos diversos posicionamentos envolvidos nesse embate.

3 ENUNCIADOS A SEREM ANALISADOS

Os objetos a serem analisados são peças de propagandas veiculadas nos canais oficiais do YouTube® dos governos dos estados de Mato Grosso do Sul e da Bahia. Em meio aos discursos que tentavam induzir a população de cada região a não seguir as determinações sanitárias impostas pelo poder público, os enunciadores (os governos) usaram a propaganda como estratégia argumentativa de persuasão.

Como as propagandas foram veiculadas na mídia, recorreremos ao vocabulário da comunicação para entendermos como esse gênero é visto na área. Juarez Bahia (2010) indica o seguinte:

Propaganda. Persuasão. Técnicas de convencimento que supõem um processo de escalonamento e de sínteses. Ação individual ou coletiva, privada ou estatal para impor opiniões, conquistar adesões ou promover reações por meio de pressões intelectuais e psíquicas. Conjunto de recursos mecânicos – imprensa, rádio, televisão, cinema, etc. – que afeta audiências de massa para agir sobre elas. [...] (JUAREZ BAHIA, 2010, p. 297, grifo do autor)

Como visto, para o autor, propaganda é sinônimo de persuasão. Portanto, os vídeos disponibilizados na internet foram usados para persuadir as populações sul-mato-grossense e baiana a aderirem às prescrições médicas e sanitárias indicadas.

A primeira propaganda, “Coronavírus: a balada pode esperar” – doravante, nosso “Enunciado 1” –, foi publicada em 11 de janeiro de 2021, dia em que foram contabilizados 203.617 mortes e 8.133.833 casos de Covid-19 no Brasil, segundo balanço do consórcio de

veículos de imprensa⁶, e, em que no estado de Mato Grosso do Sul foram confirmados 1.064 casos de Covid-19 e 18 mortes provocadas pela doença. O vídeo possui trinta segundos de duração.

A propaganda baiana, “Não deixe que o Coronavírus tire alguém da sua família” – o “Enunciado 2” –, possui um minuto de duração e foi veiculada no dia 2 de abril de 2021. Naquele tempo, o estado contava 3.347 infecções e 142 mortes pelo coronavírus.

Indicamos que a retórica pode ser observada não apenas em enunciados verbais, mas nos diversos modos de enunciação, como as verbo-visuais presentes nos vídeos transmitidos pela internet.

Uma vez que a semiótica reconhece a existência das semióticas não-verbais, ao lado das semióticas verbais, convém estender essa dualidade, admitindo retóricas não verbais, paralelamente às retóricas verbais, para levar em conta o deslocamento efetuado apenas no plano da expressão. (ZILBERBERG, 2011, p. 25)

Na próxima seção, avançaremos mais densamente sobre as análises. Sendo nosso *corpus* formado por objetos verbo-visuais (vídeos disponibilizados na internet), cabe neste artigo (escrito essencialmente para o papel ou para uma leitura “estática” pela tela do tablete ou computador que seja) metodologicamente indicarmos quadros com transcrições das falas originalmente oralizadas pelos enunciadores, bem como *prints* das imagens que aparecem no momento das falas.

4 ANÁLISES

Começamos pelo “Enunciado 1”, cuja transcrição encontra-se a seguir.

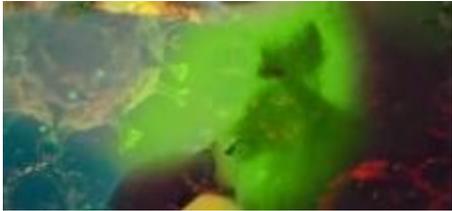
Quadro 2: Transcrição do “Enunciado 1”

Imagem ⁸ ou descrição da imagem	Som de fundo	Fala	Quem fala
<p>Cinco mulheres jovens numa mesa de bar animadas e consumindo drinques.</p>  <p>Tempo da passagem: 00" a 04" (zero segundo até quatro segundos)</p>	Música eletrônica animada ao fundo.		

⁶ A partir de 8 de junho de 2020, um consórcio de veículos de imprensa formado por G1, O Globo, Extra, O Estado de S.Paulo, Folha de S.Paulo e UOL passou a reunir os dados referentes aos casos de contaminações e de óbitos referentes ao coronavírus. Os dados sobre a pandemia citados nesse parágrafo e no seguinte são retirados da página de especiais do G1, que contém informações levantadas pelo consórcio. Fonte: Disponível em: <<https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/estados-brasil-mortes-casos-media-movel/>>. Acesso em: 12 jun. 2022.

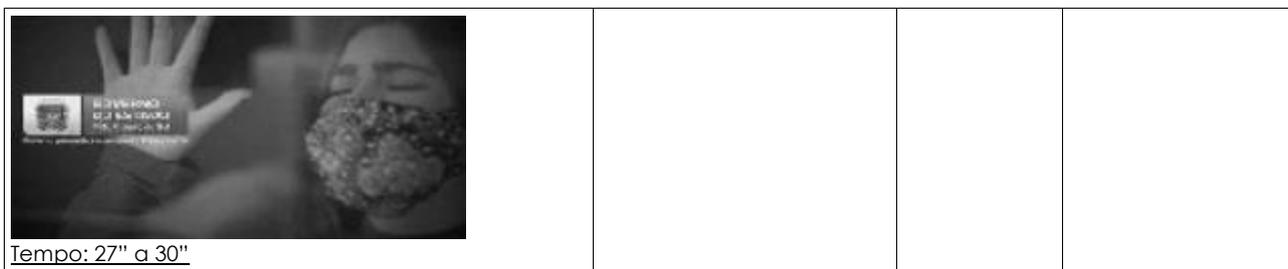
⁷ A campanha chama-se oficialmente “Naquela mesa” e foi idealizada pela agência Moya. Recebeu a medalha de bronze na categoria TV e Cinema dos Prêmios Lusófonos da Criatividade, conforme informação indicada no site oficial do governo da Bahia. Fonte: Disponível em: <<http://www.bahia.ba.gov.br/2021/07/noticias/campanha-publicitaria-do-governo-da-bahia-contra-Covid-19-conquista-premio-internacional/>>. Acesso em: 12 jun. 2022.

⁸ Todas as imagens contidas nesse quadro e no “Quadro 4” são *prints* (frazes *frames*) ou montagens com *prints* de telas de reproduções das referidas propagandas. Devido à diminuta dimensão de um artigo, por ora não analisaremos imagem por imagem em si – ou seja, cada enquadramento (*framing*) – e suas relações. Essa tarefa é parte de trabalho futuro. Suas aparições aqui servem de auxílio ao leitor para visualização da gradatividade tensiva. Lembramos que, obviamente, por serem estáticas, as imagens “printadas” podem não oferecer o mesmo efeito de sentido que os recursos audiovisuais explorados nas propagandas no YouTube®; por isso, indicamos assistir às referências.

<p>Corta para close em uma das jovens fazendo <i>selfie</i>. <u>Tempo: 04"</u></p>	<p>Som de suspense, em tom mais grave, soando ser mais "pesada".</p>	<p>Hoje, Letícia vai ser contaminada pelo Coronavírus.</p>	<p>Narrador.</p>
<p>Close da boca de Letícia com o copo ingerindo bebida. Há o artifício visual de esverdear a boca e o líquido, bem como aparecer ao fundo uma imagem (mesclada) de estilização do coronavírus.</p>  <p><u>Tempo: 07"</u></p>	<p>Música eletrônica animada ao fundo.</p>		
<p>Close de Letícia</p> 	<p>Música eletrônica animada ao fundo.</p>	<p>Nossa amiga, muito bom!</p>	<p>Letícia</p>
<p>Close no celular de Letícia, que digita "Pai, vem me buscar?" <u>Tempo: 10"</u></p>	<p>Música eletrônica animada ao fundo.</p>		
<p>Letícia entra no carro do pai pelo banco da frente.</p>  <p><u>Tempo: 14"</u></p>	<p>Som de suspense, em tom mais grave, soando ser mais "pesada".</p>	<p>Oi, pai. Chegou rápido!</p>	<p>Letícia</p>
<p>Letícia carinhosamente põe uma mão sobre o rosto do pai e o beija. Novamente o efeito de "pintar" de verde boca e mão da jovem e bochecha do pai.</p>  <p><u>Tempo: 16"</u></p>	<p>Som de suspense, em tom mais grave, soando ser mais "pesada".</p>	<p>Ela não sabe, mas está passando o vírus para a pessoa que mais ama.</p>	<p>Narrador</p>
<p>Aparece imagem do vírus estilizado. <u>Tempo: 18"</u></p>			
<p>Pai se olha no espelho, já com uma aparência de quem não parece se sentir bem.</p> 			

<p><u>Tempo: 19"</u></p> <p>Novamente o efeito visual de esverdear a boca.</p> 			
<p><u>Tempo: 20"</u></p> <p>Imagem em close de aparelho respirador hospitalar.</p>			
<p><u>Tempo: 21"</u></p> <p>Close no dedo do pai na maca hospitalar.</p> 	<p>Som de suspense, em tom mais grave.</p>		
<p><u>Tempo: 22"</u></p> <p>Close no rosto do pai entubado na maca hospitalar.</p> 	<p>Som de suspense, em tom mais grave, soando ser mais "pesada".</p>		
<p><u>Tempo: 23"</u></p> <p>Leticia (mostrada de costas) corre desesperadamente pelo corredor do hospital.</p> 	<p>Som de suspense, em tom mais grave, soando ser mais "pesada".</p>	<p>Até a vacina chegar, proteja-se!</p>	<p>Narrador</p>
<p><u>Tempo: 23" a 26"</u></p> <p>Ela chega ao local que parece ser uma UTI cuja parede é de vidro e, ao ver o pai, coloca emocionadamente a mão sobre o vidro.</p> 	<p>Som de suspense, em tom mais grave, soando ser mais "pesada".</p>	<p>Não brinque com a sua vida e com a vida de quem você ama!</p>	<p>Narrador</p>
<p><u>Tempo: 26"</u></p> <p>Agora, a câmera "vira" e mostra Leticia (de máscara) chorando de frente batendo na parede de vidro desesperadamente.?</p>		<p>Governo do Estado de Mato Grosso do Sul.</p>	<p>Narrador</p>

⁹ O fato de a mão de Leticia parecer "encostar" na logomarca da atual gestão estadual causa certo efeito de sentido, mas analisarmos tal efeito também não é nosso foco neste presente trabalho.



Tempo: 27" a 30"

Fonte: Elaborado pelos autores.

Vimos que Letícia é colocada sob tensão a partir de um acontecimento que rompe sua tranquilidade. Esse acontecimento é um assomo (ZILBERBERG, 2011), isto é, uma ocorrência que emerge e desestabiliza o sujeito (Letícia), que é a doença do pai. “À esfera do acontecimento prende-se um sujeito do espanto [...]”, como diz Zilberberg (2011, p. 25).

Assim, a partir da análise sobre a transcrição apresentada, construímos o “Quadro 3”, que mostra a gradação em rede tensiva que se faz presente no “Enunciado 1”.

Quadro 3: Gradação referente ao “Enunciado 1”

Descontração ↓ S ₁ sobrecontrário	Relaxamento ↓ S ₂ subcontrário	Preocupação ↓ S ₃ subcontrário	Desespero ↓ S ₄ sobrecontrário
Letícia e as amigas no bar	Letícia ao encontrar o pai	O pai a se observar no espelho	Letícia a correr pelo hospital e chorar ao ver o pai desacordado

Fonte: Elaborado pelos autores, baseados em Zilberberg (2011, p. 200).

O enunciador apela à emoção do enunciatário na medida em que apresenta o acontecimento abrupto que interrompe a alegria da jovem. Ao mesmo tempo em que utiliza essa emoção, atua também de forma retórica, ao indicar como argumento de persuasão principal que a falta de atenção da jovem aos preceitos médicos e sanitários é o que ocasionou a contaminação do pai. A persuasão nesse caso é, nos termos de Aristóteles, exercida por meio do *pathos*.

Caberia ao enunciatário entender que, se agir conforme Letícia agiu, tanto ele quanto seus entes queridos podem sofrer consequências graves. A partir do momento em que o enunciatário é compelido pela história de Letícia, tende a pensar em sua rotina. Estamos diante de um impasse do sujeito (tanto a personagem quanto o enunciatário), que se vê diante do dilema: sofrer (desobedecendo aos preceitos sanitários) ou agir (mudando sua rotina)? Ou, como menciona Zilberberg:

Se por um lado o acontecimento se apropria do sujeito, ou, para sermos mais justos, desapropria-o de suas competências modais, transformando-o em sujeito do sofrer, a ascendência por outro lado determina um sujeito ao modo do agir, convidado ou convidando-se a passar ao ato. (ZILBERBERG, 2011, p. 24)

Letícia agia de forma equivocada, conforme o enunciador, pois estava em aglomeração sem máscaras, em um período sabidamente de pandemia¹⁰. Depois, atingiu um estágio passivo, pois, diante do quadro de infecção do pai, nada podia fazer, a não ser chorar e se desesperar. Todavia, retorna a um quadro de ação, quando está de

¹⁰ Embora não esteja explícita no texto a ciência de Letícia quanto às diretrizes sanitárias diante da pandemia, isso é possível de ser inferido pela própria confecção da peça de propaganda. Há um contrato tácito entre enunciador e enunciatário de que aquele momento é concomitante ao momento pandêmico e que as personagens envolvidas (cinco jovens) desobedecem às determinações de distanciamento e de uso de máscara.

máscara na última cena, passando a agir em conformidade com os preceitos sanitários.

Por mais que não seja citada explicitamente na propaganda, a polêmica aflora sua *quase-presença*, porque é pano de fundo do impasse provocado no ator (Letícia – nosso sujeito aspectualizado dotado de valores). Dessa forma, como apontamos na seção “1 Conceitos mobilizados”, a polêmica transforma-se em elemento semiótico que causa efeito de sentido mesmo não estando presente de maneira explícita. Há, portanto, a presentificação discursiva de um actante ausente – a polêmica – a causar efeito de sentido: e podemos dizer que ela torna-se perceptível ao enunciatário (aquele que assiste à peça publicitária) e ao *ator* (DISCINI, 2015) da peça (Letícia).

A partir da percepção dessa *quase-presença*, Letícia tem seus dois perfis alvejados pela polêmica: quanto ao social, vê-se frente à escolha entre sair e se divertir ou ficar em casa e se proteger; quanto ao pático, vê-se feliz em companhia das amigas e aflita (a partir da escolha que fizera) com o pai doente. Embasados em Discini (2015), podemos dizer que na rede que aponta a gradação tensiva (transcrita no “Quadro 3”), trazida na e pela propaganda, a polêmica “encarna” sua *quase-presença* e ganha corpo, se fazendo perceptível ao enunciatário (aquele que assiste à propaganda).

Discini (2015) explica que existe uma relação tácita entre acontecimento e argumento que é de suma importância para a aspectualização do ator discursivo. Em outras palavras, há relação intrínseca na (re)criação do sentido entre as dimensões sensível e inteligível na persuasão do enunciatário. Isso corrobora a análise feita no “Quadro 3”, em que propomos que o enunciador Governo do Estado utilizou como argumento para que a sociedade sul-mato-grossense seguisse as orientações sanitárias o exemplo de Letícia, que preferiu outro caminho e sofreu com um acontecimento – assomo –, a doença do pai.

Adiante, veremos as análises sobre o “Enunciado 2”. Para tanto, configuramos o quadro a seguir.

Quadro 4: Transcrição do “Enunciado 2”

Imagem ou descrição da imagem	Som de fundo ¹¹	Fala	Quem fala
<p>Numa sequência, três cenários são apresentados; são três cozinhas (como a seguir) Idoso cortando cebolinha para fazer o almoço, acompanhado de uma idosa que parece ser sua esposa</p> <p>Mulher prepara o almoço, com criança ao lado</p> <p>Homem com criança no colo prepara o almoço e serve (carinhosamente com uma colherada na boca) uma adolescente para que experimente a comida</p>	<p>Naquela mesa, ele sentava sempre</p> <p>E me dizia sempre o que é viver melhor</p> <p>Naquela mesa, ele contava histórias</p> <p>Que hoje na memória eu guardo e sei de cor</p> <p>Naquela mesa, ele juntava gente</p> <p>E contava contente o que fez de manhã</p>		Cantora

¹¹ Nos casos em que as colunas “Som de fundo” e “fala” coincidem, há transcrição da canção “Naquela mesa”, samba de autoria de Sérgio Bittencourt. Não há indicação de quem canta.



Tempo da passagem: 00" a 20" (zero segundo até vinte segundos)

Os três pratos (das três cenas) aparecerem na sequência



Tempo: 20"a 21"

São mostradas três cenas (como a seguir)
Os personagens dos três cenários sentam-se e há em cada um uma cadeira vazia para a qual todos olham e começam a se emocionar e até mesmo chorar.



Tempo: 21"a 36"

Cessa a música por um instante. Sobe som de um respiro profundo.

Cantora

<p>Close nas cadeiras vazias</p>  <p>Tempo: 36"a 40"</p>	<p>Naquela mesa tá faltando ele</p> <p>E a saudade dele tá doendo em mim.</p>	
<p>Os personagens se abraçam e choram em cada um dos três cenários.</p> 	<p>Naquela mesa tá faltando ele</p> <p>E a saudade dele tá doendo em mim.</p>	

 <p><u>Tempo:</u> 40"a 50"</p>			
<p>Aparece foto do casal de idoso do primeiro cenário e um rapaz. Depois, o casal de idosos abraçados sozinhos.</p>  <p><u>Tempo:</u> 50"a 52"</p>	<p>O samba que animava o som de fundo da propagand a dá lugar a uma música instrumental mais lenta, com tom mais sentimental.</p>	<p>Não deixe que o Coronavírus</p>	<p>Narrador</p>
<p>Aparece foto da mãe e do filho e mais um homem. Depois mãe e filho abraçados.</p>  <p><u>Tempo:</u> 53"a 55"</p>		<p>tire alguém da sua família.</p>	
<p>Aparece foto de um homem e uma mulher e um casal de filhos, uma adolescente e um garoto de colo. Depois, o pai abraçado à adolescente e à criança.</p>  <p><u>Tempo:</u> 55"a 57"</p>		<p>Evite aglomerações e faça sua parte para que juntos a gente possa vencer esta doença.</p>	
<p>Imagem da logomarca assinatura do governo. <u>Tempo:</u> 58"a 60"</p>		<p>Governo do Estado [BA]</p>	<p>Narrador</p>

Fonte: Elaborado pelos autores.

Assim como no "Enunciado 1", no "2" o enunciador invoca retoricamente a emoção (*pathos*), conclamando o enunciatário, pelo afeto, a compadecer-se, a colocar-se na posição dos atores envolvidos. Aquelas fotos nas paredes e estantes poderiam ser

de alguém da família do espectador da propaganda. Aquelas cadeiras vazias podiam ser de um ente querido do enunciatário.

Dessa forma, temos a formatação de uma gradatividade de sensações durante sessenta segundos de vídeo. Gradação essa que pode ser indicada conforme a rede tensiva exposta no próximo quadro.

Quadro 5: Gradação referente ao “Enunciado 1”

Descontração ↓ S ₁ sobrecontrário	Relaxamento ↓ S ₂ subcontrário	Falta ↓ S ₃ subcontrário	Tristeza ↓ S ₄ sobrecontrário
Personagens dos três cenários preparando o almoço	Levam os pratos à mesa	“Percebem” as cadeiras vazias	Lembram dos entes amados e choram (retratos dos entes que não estão mais entre eles)

Fonte: Elaborado pelos autores, baseados em Zilberberg (2011, p. 200).

Nesse caso, a *quase-presença* da polêmica pode ser verificada talvez mais evidente que no “Enunciado 1”. No “Enunciado 2”, quando as cadeiras são focadas vazias, temos ali, em cada uma, o “corpo” de um ator “fantasma”. Não um fantasma no sentido daqueles de filme de terror, mas com relação à falta que esse personagem (esse ator, nos termos da semiótica) faz aos demais. Essa “ausência” é sentida tão profundamente que é uma *quase-presença*. E essa *quase-presença* é não só cada um que deixou saudosos seus entes queridos, mas, também, todo sentimento que preenche aquele vazio, dos quais poderíamos nos atrever a elucubrar: “por que não se cuidou?”; “por quê ele(a)?”; “pensava em nós, mas nos deixou.” Todo esse conjunto de pensamentos está *quase-presente*, e assim, auxiliado pela narração em áudio, ganha corpo a polêmica. Se o narrador diz que é para evitarmos aglomerações e fazermos a nossa parte “para que juntos a gente possa vencer esta doença”, podemos pressupor que aqueles membros queridos das fotos *não evitaram aglomerações e não fizeram a sua parte*. Dessa forma, reiteremos, ganha corpo a polêmica, pois remete-se ao combate de opiniões que existe na sociedade – os *contrários* vs. os *favoráveis* a seguir os preceitos sanitários.

Nesse ponto, podemos fazer uma comparação entre as duas peças.

No “Enunciado 1” tínhamos Letícia como um ator semiótico dotado de dois perfis – um social (vinculado ao *ethos*), “relativo à participação ativa e ética do sujeito-nomundo”; outro pático (ligado ao *pathos*) (DISCINI, 2015), “relativo aos desdobramentos do sentir” (DISCINI, 2015, p. 16). Letícia podia escolher entre curtir uma balada com as amigas sem se proteger ou seguir as indicações sanitárias – ela tinha um papel ativo no mundo. Tendo papel ativo, fez uma escolha de não seguir as precauções e seu pai foi por ela infectado. Letícia teve ainda um papel pático, pois, assim que o pai fora infectado, ela começou a se sentir mal, sendo possível até mesmo que o enunciatário possa implicar que ela sente culpa, que percebe, pelos efeitos de coloração artificial (apontados nos *prints*) que por intermédio dela é que os vírus foram transmitidos ao pai. Foi acometida por um assomo, já que não imaginava que o momento feliz – com as amigas – transformar-se-ia em disfórico – com o pai em leito hospitalar.

Diferentemente, no “Enunciado 2”, os personagens parecem possuir somente um perfil, o pático (DISCINI, 2015). Uma vez que o acontecimento já se consumou, os atores convivem agora com a “falta” – como um programa narrativo disfórico; afinal, não foram eles que fizeram a escolha de não seguir as recomendações médicas. Assim, os atores estão em um *fazer* cognitivo sobre a falta.

Há a manifestação da *quase-presença* dos entes queridos, ou seja, os ausentes têm sua presença simulada – nesse caso, numa espécie de lembrança saudosa –, restituída em discurso perante as marcas no enunciado, como o *close* nas cadeiras vazias e nas fotos com as famílias completas.

Dessa forma, a própria polêmica – aquela entre as decisões de seguir ou não os preceitos médico-sanitários visando a minimizar o contágio pelo coronavírus – também tem sua *quase-presença* perceptível, por exemplo, quando se contrapõem o vazio de uma cadeira e a imagem do ente querido na fotografia da estante.

Nas duas propagandas, a emoção ganha ênfase e é evocada como argumento retórico pretendendo angariar a opinião do público para seguir as prescrições médicas. Nesse caso, os enunciadores – tanto o governo de Mato Grosso do Sul quanto o da Bahia – mostram implicitamente que existem pessoas que não seguem esses preceitos. Esses dois enunciadores (nos dois vídeos) buscam construir um *ethos*, uma imagem diante do *pathos* que perpassa o enunciatário (o público que assiste aos vídeos, ou seja, as populações sul-mato-grossense e baiana). E essa imagem tende a ser a de ente protetor, que pensa no bem-estar e na saúde da população. Assim sendo, tanto o “Enunciado 1” quanto o “2” trazem a *quase-presença* de uma polêmica como elemento semiótico que causa efeito(s) de sentido perante o enunciatário.

Há, para ambos os vídeos analisados, mais uma consideração a ser feita. Existiriam dois planos fundamentais. Num primeiro, os sujeitos são reféns de um acontecimento que os impele, tornando-os sobremaneira *desapropriados de suas competências* (ZILBERBERG, 2011). Num segundo, há um narrador senhor do que está dizendo, com controle da situação, na medida em que ele ordena o enunciatário: “proteja-se” e “não brinque com a sua vida”, no “Enunciado 1”; e “Evite aglomerações”, no “Enunciado 2”, por exemplo.

No primeiro plano, o dos atores, temos “seres” do espanto que o acontecimento emana. No segundo, o dos enunciadores, temos “seres” da retórica, do controle, aqueles seres “que exige[m] esclarecimentos” (ZILBERBERG, 2011, p. 25). Esses “esclarecimentos” exigidos, segundo o autor, são dois:

O primeiro é o menos relevante: as práticas significantes são artes dirigidas pela busca da excelência, isto é, da superlatividade, cada qual em seu domínio, e tal excelência, no caso da retórica, é afirmada pelo destinatário ao reconhecer-se “persuadido” [...]
O segundo esclarecimento diz respeito ao estatuto da afetividade e às incertezas que perduram acerca da posição que ela merece ocupar. [...] pensamos a afetividade na sincronia, como um conjunto de funcionamentos descritíveis, analisáveis e sobretudo “gramaticalizáveis”. [...] sob a denominação de intensidade, acolhemos a afetividade como um dos dois eixos constitutivos do espaço tensivo. (ZILBERBERG, 2011, p. 26-27)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, observamos duas propagandas veiculadas no YouTube® nos canais oficiais dos governos dos estados de Mato Grosso do Sul (“Coronavírus: a balada pode esperar”) e da Bahia (“Não deixe que o Coronavírus tire alguém da sua família”), em 2021, período em que os casos de Covid-19 aumentavam significativamente. Analisamos ambos os enunciados metodologicamente formando redes de gradações tensivas por meio das proposições da Semiótica Tensiva de Claude Zilberberg (2011), e baseamo-nos ainda nas proposições de Discini (2015) sobre os perfis pático e social do ator semiótico para tentarmos identificar como a emoção é evocada pelo poder público para conquistar a aderência da população aos procedimentos de prevenção à Covid-19 e para tentar colaborar para interpretações semióticas discursivas que incluam o afeto nas análises.

Buscamos também apontar como retoricamente a aspectualização do ator semiótico serviu de estratégia argumentativa por parte dos enunciadores observados.

A partir dos *prints* dos vídeos e a transcrição das falas que as acompanham nos vídeos analisados, formulamos os Quadros expositivos “2” e “4”. Os objetivos propostos no início do trabalho foram alcançados na medida em que propusemos, a partir daqueles, os quadros interpretativos “3” e “5” com gradações da intensidade dos acontecimentos de S₁ a S₄ a respeito das duas propagandas. E, sobretudo, quando demonstrado que a polêmica ganhou corpo, por se apresentar em cada uma das propagandas como uma *quase-presença* perceptível tanto para o ator envolvido quanto para o espectador enunciatário das peças de propaganda.

Encontramos dois planos essenciais que contribuem para a construção do efeito de sentido de polêmica nos textos: atores (a Letícia da primeira propaganda e as famílias da segunda) espantados pelo acontecimento – a contaminação do pai (na primeira propaganda) e as mortes dos parentes (na segunda) –; e narradores com o controle sobre a história. Seriam, respectivamente, entes do assomo e da retórica (ZILBERBERG, 2011).

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. **A apologia da polêmica**. Coordenação da tradução de Mônica Magalhães Cavalcante. São Paulo: Contexto, 2017.

ARISTÓTELES. Definição da retórica e sua estrutura lógica. In: ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Manuel Alexandre Junior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 3. ed. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2006.

BRAIT, B.; PISTORI, M. H. C.; LOPES-DUGNANI, B.; STELLA, P. R.; ROSA, C. G. (org.). Dossiê: Pandemia, ética e discursos. **Revista Bakhtiniana**, v. 16, n. 4, 2021

BAALBAKI, A.; SILVA, L. F. A. (org.). **Discursos da pandemia: entre dores e incertezas**. Campinas, SP: Pontes, 2020.

BAHIA. Não deixe que o Coronavírus tire alguém da sua família. **Naquela mesa - Campanha Governo da Bahia**. Canal Oficial do Governo da Bahia na plataforma YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N6K4IOYThS0>. Acesso em: 12 jun. 2022.

BARONAS, R. L.; CARREON, R. O.; SILVA, S. F. S. (org.). Número temático: Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem. **Revista Linguagem**, v. 35, n. 1, maio 2020.

BARONAS, R. L.; ARAÚJO, L. M.; BARROS, M. (org.). Dossiê: COVID-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem. **Revista Linguagem**, v. 41, n. 1, maio 2022.

BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2020.

BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães, Marco Antônio Escobar, Rosa Attié Figueira, Vandarsi Sant'Ana Castro, João Wanderlei Geraldi e Ingedore G. Villaça Koch. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2023.

DEUSDARÁ, B.; ARANTES, P. C. C.; MUYLAERT, T. Enunciação em memes sobre a pandemia: análise discursiva de sentidos na web. **Diálogo das Letras**, v. 10, p. 1-18, e02106, 2021.

DISCINI, N. **Corpo e estilo**. São Paulo: Contexto, 2015.

FONTANILLE, J. **Semiótica e discurso**. Tradução de Jean Cristtus Portela. 2. ed., 1 reimp. São Paulo: Contexto, 2019.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. 2. ed. 3. reimp. São Paulo: Contexto, 2021.

JUAREZ BAHIA, B. **Dicionário de Jornalismo**: século XX. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

LEITE, R. L.; FARIAS, O. M. Enunciação e tensividade no discurso da mídia jornalística sobre a pandemia de Covid-19. **Revista Prolíngua**, v. 16, n. 2, p. 224-236, ago./dez. 2021.

MAINGUENEAU, D. A análise do discurso diante da crise do coronavírus: algumas reflexões. **Bakhtiniana**: Revista de Estudos do Discurso, v. 16, n. 4, 2021. p. 140-156.

MATO GROSSO DO SUL. **Coronavírus**: a balada pode esperar / Governo do MS. Canal Oficial do Governo de Mato Grosso do Sul na plataforma YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tO2hdOAjkle>. Acesso em: 12 jun. 2022.

OLIVEIRA, A. C. de; LANDOWSKI, E. (org.). Dossiê: A pandemia: acaso ou significado? **Revista Acta Semiotica**, v. 1, 2021.

OLIVEIRA, O. S.; ABREU, K. F. A (des)informação como estratégia política na gestão da pandemia da COVID-19 no Brasil: uma análise discursiva. **Diálogo das Letras**, v. 11, p. 1-20, e02218, 2022.

SCORSOLINI-COMIN, F. Uma leitura de *O sobrevivente*, de Carlos Drummond de Andrade, em tempos de pandemia. **Diálogo das Letras**, v. 11, p. 1-18, e02219, 2022.

TEIXEIRA MARQUES, D. Contextos discursivos e pandemia: a construção de objetos de discurso na narrativa bolsonarista. **Diálogo das Letras**, v. 10, p. 1-18, e02114, 2021.

ZILBERBERG, C. **Elementos de semiótica tensiva**. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

Artigo recebido em: 24/15/2023
Artigo aprovado em: 16/09/2023
Artigo publicado em: 05/10/2023

COMO CITAR

SILVA, M. E. da; SILVA, S. M. R. da. Análise da afetividade em propagandas verbo-visuais por meio da semiótica tensiva. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 12, p. 1-17, e02329, 2023.